

A INOVAÇÃO DA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA COM O USO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS¹

INNOVATION OF UNIVERSITY TEACHING WITH THE USE OF TECHNOLOGY RESOURCES

Maria Cristina Romualdo²
Lindalva Pessoni Santos³

Resumo: Este artigo discorrerá sobre a identidade, a formação e o papel do docente na Universidade hoje, abordando a situação que encontra-se a sociedade com a inovação dos recursos tecnológicos e se a exigência de usar os recursos midiáticos são abordados no contexto da docência universitária, especificamente, em sala de aula pelos educadores, refletindo se inovações poder ser contempladas com o uso das novas tecnologias no que se refere ao processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Docência universitária. Ensino-aprendizagem. Inovação. Tecnologia.

Abstract: This article will discuss about the identity, role and formation of teacher in the University today, addressing the situation which finds the society with the innovation of the technologies resources and the requirement to use the media resources are discussed in the context of university teaching, specifically in the classroom by educators, reflecting innovations can be contemplated with the use of new technologies in relation to teaching-learning of students.

Keywords: University teaching. Teaching-learning. Innovation. Technology.

1 Introdução

Entende-se que a educação superior a cada dia está vivenciando algumas mudanças no processo de ensino-aprendizagem, devido a Universidade está perdendo seu caráter reflexivo e crítico. Sabe-se que o mercado capitalista não exige profissionais pensantes, mas técnicos que conseguem desempenhar seus papéis no mercado de trabalho, visando sempre a rapidez e o lucro. Segundo Côelho (2006), “ela se nega como instituição acadêmica e se transforma em organização que transmite saberes instituídos, em supermercado do conhecimento, que oferece aos alunos saberes reduzidos a informações e banalizados estereótipos”.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência Universitária, da Unidade Universitária de Inhumas, Universidade Estadual de Goiás.

² Graduada em Letras – Português/Inglês pela UEG-Inhumas e Pós-graduanda em Docência Universitária pela UEG-Inhumas.

³ Pedagoga, especialista em Planejamento Educacional, Linguagem e Matemática das séries iniciais, Formação socioeconômica do Brasil. Professora de Didática e Prática de Ensino UEG/Inhumas, mestranda em Educação da UFG.

Dentro dessa proposta, imensos são os investimentos governamentais nos recursos midiáticos, pois acreditam que estes serão a resolução de vários problemas enfrentados na sociedade, em particular os da educação. Este é um dos motivos das instituições, sejam elas privadas ou públicas, investirem tanto em aparelhos sofisticados da última geração.

As tecnologias estarem presente na maioria das atividades dos brasileiros, já é um fato inquestionável, não seria diferente no contexto da sala de aula universitária, pois a maioria dos educandos já predispõe de uma grande bagagem de informação com o uso dos recursos midiáticos.

Nessa perspectiva a partir de uma revisão bibliográfica, este artigo tem o objetivo de discutir se realmente inovações podem ser contempladas com o uso das novas tecnologias no ensino-aprendizagem na docência universitária. Busca-se também como objetivação deste, fazer uma reflexão de como se encontra a identidade, a formação e o papel do docente universitário em meio a um processo de modernização e transformação do ensino e da sociedade. A reflexão, a inovação, a pesquisa, a formação são objetivos relevantes no contexto da vida universitária. Para subsidiar essa discussão buscarei suporte nos seguintes autores: Marcos T. Masetto, Ildeu M. Coelho, Selma Garrido Pimenta, Carla Viana Cascarelli, José Manuel Moran e outros, pois todos discutem no geral a docência no ensino superior e as propostas de mudanças que as novas tecnologias vem oferecendo em sala de aula e na construção do conhecimento da sociedade.

No primeiro tópico discute-se a função da docência universitária num período de transição de metodologias de ensino. O segundo tópico apresenta-se a explosão das novas tecnologias na educação, situando precisamente em quais décadas as mídias “explodiram” no cotidiano social e universitário do povo brasileiro. E o último tópico, consta-se a exigência do ensino-aprendizagem em ambientes virtuais e como se dá essa questão no ensino superior, propondo uma reflexão sobre a tecnologia, a inovação, o ensino aprendizagem e a docência universitária.

De fato o avanço tecnológico pode oferecer inovação à educação, sem inovar a prática pedagógica dos educadores?

2 Docência universitária e seus múltiplos desafios

Ao longo dos anos, desde a criação das universidades, inúmeras são as inovações vivenciadas pela comunidade acadêmica brasileira, desde seu papel na sociedade até as

práticas internas da docência superior em sala de aula. Na contemporaneidade, essas mudanças fazem-se necessárias devido à responsabilidade do ensino superior ter expandido, pois grandes são as expectativas em relação à educação, cabendo a docência universitária não só ensinar com qualidade, e sim também ser um viés para resolução de muitos outros problemas, não somente educacionais, mas também sociais.

Quando se fala em inovação na educação superior, entende-se que será uma eliminação das metodologias tradicionais trabalhadas. É necessário substituir esta concepção distorcida e compreender que inovar é refletir, repensar as funções tradicionais existentes, para descobrir quais são as mudanças relevantes que devem impulsionar novas práticas na docência universitária.

A inovação aqui é tomada numa perspectiva de ruptura com o paradigma dominante, fazendo avançar, em diferentes âmbitos, formas alternativas de trabalho que quebrem com a estrutura tradicional e interfiram, nas tensões mencionadas. Nossa perspectiva, a inovação é vista de forma diferente da simples agregação de novos elementos tecnológicos, a menos que estes representem novas formas de pensar o ensinar e o aprender numa perspectiva emancipatória. (CUNHA, 1997, p. 90-91)

Com base nessas reflexões é importante reconhecer que a universidade até tem propostas de inovações, mas é preciso compreender também que não é uma situação tão fácil de ser aplicada, pois implantar mudança é um desafio que requer um comprometimento profissional do professor e de todo corpo gestor (direção e administrativo) para obterem sucesso nos objetivos desejados. Segundo Coelho (2006), em vez de defender e de cobrar a adequação da universidade ao mercado, como se fosse algo natural e tranquilo, é preciso colocar o problema da universidade, da formação humana, do ensino e da pesquisa em outra perspectiva, fora do eixo do mercado.

Sabe-se que infelizmente é difícil alcançar resultados positivos em relação às mudanças, pois o professor universitário que é um indivíduo que pode suscitar reflexos com o propósito de inovar, encontra-se desavivado, descrente, deixando sua prática cair em descaso e não se preocupa em preparar para ministrar uma aula em que possa haver interação do grupo. Afirma Masetto (1998) que seu papel realmente está em crise e deve ser totalmente repensado. O papel de transmissor de conhecimentos, função desempenhada até quase os dias de hoje, está superada pela própria tecnologia existente.

Sem dúvidas, não dispensa-se o papel do docente como fundamental para construção do conhecimento do aluno, pois ele é o orientador, o facilitador e o dinamizador que conduzirá até o processo de ensino-aprendizagem – foco principal da docência. O que carece

nesse momento é repensar o que precisa ser inovado no papel do professor universitário em sala de aula.

Um ponto que deve ser observado para melhorar a prática pedagógica universitária é a questão do professor trabalhar nas universidades para fazer um bico no tempo que resta de outra profissão, sem ter formação pedagógica nenhuma naquela área, visando somente o status profissional ou a dobra salarial.

Outra característica que deve-se salientar é a formação contínua do educador, pois assim vários outros fatores serão despertados, como a busca incessante pelo conhecimento, a valorização da afetividade e do emocional do educando, a responsabilidade com o desenvolvimento da profissão com amor e dedicação, estar sempre informado e saber selecionar as informações midiáticas de forma coerente para discutir e para colaborar na construção do conhecimento dos discentes universitários.

Esses temas têm conduzido à preocupação com a preparação dos docentes universitários, pois o grau de qualificação é um fator-chave no fomento da qualidade em qualquer profissão, especialmente na educação, que experimenta constantemente mudança. Apesar do exagero contido na afirmação de que os computadores poderiam transformar as aulas e converter os professores em “suportes e ajudantes da aprendizagem”, é certo que a sociedade tecnológica está mudando o papel dos professores, os quais devem se pôr em dia com a tecnologia. (PIMENTA, 2002, p.39)

Nessa perspectiva, os profissionais tinham uma concepção distorcida de que as novas tecnologias ocupariam sua função em sala de aula e com isso não estão se preparando profissionalmente e nem intelectualmente para atuarem com os educandos. Para Pimenta (2002), a identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. O professor precisa investir na sua formação continuada, renovar conceitos, desaprender crenças e hábitos que atrapalham sua metodologia na sala de aula.

O sentido da formação universitária, máxime nos cursos de formação de professores, é contribuir efetivamente para que os estudantes aprendam a superar, a transcender o mundo sensível, o mundo da aparência, da imagem, do mutável, da opinião, da crença, das paixões, das emoções, da ideologia, bem como os limites estreitos e ingênuos do positivismo, da razão instrumental. Ensiná-los a cultivar a dúvida, a interrogação, o pensamento, a compreensão e a expressão rigorosa e crítica do que realmente são as coisas e os processos de seu sentido. (COELHO, 2006, p.53)

Hoje em pleno século XXI, o processo de modernização é muito rápido, é preciso compreender que o mercado de trabalho, a sociedade capitalista tem feito com que a

universidade e o professor em si, percam seus papéis perante a sociedade. O capitalismo faz com que as universidades cumpram o papel de universidade operacional, que visa lucro, rapidez e muita informação, e o objetivo desta não é pensar e sim formar técnicos para exercer determinada profissão.

Nesse instante, percebe-se uma queda também no papel do docente do ensino superior, pois numa universidade operacional, ditada pelo avanço das tecnologias em sala de aula, como TV, DVD, internet, vídeos, o professor aqui é visto como mero reprodutor e transmissor do conhecimento, deixando de ocupar seu lugar de educador e passando a ser um monitor das mídias. “Essa política altera a identidade do professor para monitor. Conseqüentemente, também nesse conceito está embutida grande economia, pois formar monitor é bem mais simples do que formar professor” (PIMENTA, 2002, p.99).

A partir desse pressuposto, o professor universitário precisa resgatar sua identidade perante a sociedade, deixando claro que não há aprendizagem sem a interação, sem cooperação e sem intervenção do mesmo no ambiente universitário. O educador não pode deixar as mídias ocupar o seu espaço, porque elas informam, mas não são capazes de interagir intimamente com a construção de conhecimento e aprendizagem do educando na universidade.

Conhecer é mais do que obter as informações. Conhecer significa trabalhar as informações. Ou seja, analisar, organizar, identificar suas fontes, estabelecer as diferenças destas na produção da informação, contextualizar, relacionar as informações e a organização da sociedade, como são utilizadas para perpetuar a desigualdade social. Trabalhar as informações na perspectiva de transformá-la em conhecimento é principalmente tarefa das instituições educativas. Realizar o trabalho de análise crítica da informação relacionada à constituição da sociedade e à seus valores é trabalho para professor, e não para monitor. Ou seja, para um profissional preparado científica, técnica, tecnológica, pedagógica, cultural e humanamente. Um profissional que reflita sobre o seu fazer, pesquisando-o nos contextos nos quais ocorre. (PIMENTA, 2002, p.100)

Desse modo, entende-se que inovação é uma ruptura de paradigmas epistemológicos, conceituais e de concepção teórica, pois carece de um conjunto de mudanças na prática pedagógica do docente universitário, pois é inegável o papel fundamental que o educador ocupa em sala de aula, de suscitar reflexões que geram inovações no ambiente educacional, político, cultural e social, então assim, pode-se acreditar que a visão utópica de que a educação pode resolver todos os problemas seja educacionais ou sociais, ainda é possível se concretizar.

3 A eclosão das novas tecnologias na educação

A tecnologia já fazia-se presente na vida dos brasileiros há décadas passadas, no contexto social, político, cultural. Nessa época as tecnologias eram exploradas de forma simples e suave no que diz respeito à educação superior. Mas a partir da década de 60, novas técnicas de ensino começam a ser implantadas pela sociedade dominante nas universidades, um novo paradigma didático é imposto, pois o objetivo da educação não é ensinar para avançar na aprendizagem, para construir conhecimento, e sim como diz Pimenta (2002) preparar para o mercado de trabalho.

Nessa perspectiva, a sociedade começa a exigir das pessoas rapidez, eficiência, produção e qualificação, porém está última categoria pertencia a poucos. Daí surge a necessidade de expansão do ensino a toda comunidade, e esse processo inicia-se através do ensino à distância, com o uso de recursos como correspondências, televisão e a principal que é a internet.

Então nesse momento as tecnologias de informação e comunicação começaram a ser exploradas no ambiente educativo, pois a sociedade está conectada em rede, em qualquer lugar do Brasil e do mundo. Nesse período aconteceu uma eclosão do uso das novas tecnologias como intuito de inovar os paradigmas educacionais existentes, mas não eram todos os aparelhos de multimídia que estavam a disposição para a prática educativa.

As tecnologias que favorecem o acesso a informação e aos canais de comunicação não são, por si mesmas, educativas, pois, para isso, dependem de uma proposta educativa que as utilize enquanto mediação para uma determinada prática educativa. (CORRÊA, 2006, p.47)

Nessa proposta, novos projetos foram criados para contemplar o ensino aprendizagem com o uso dos recursos tecnológicos como exemplo: a TV escola focando o ensino fundamental e médio, a internet para o uso do ensino superior presencial ou à distância. Como afirma Silva (2009), os ambientes de aprendizagem à distância têm evoluído bastante desde a sua adoção no final dos anos 90 no ES. E hoje pode-se visualizar mais nos ambientes educativos a presença das mídias na aula universitária, desenvolvem-se projetos que possibilitam diversas condições de interação professor/aluno em qualquer lugar que eles estejam, desde que acessem diretamente seus chats, emails e outros recursos que a internet dispõe.

Não usa-se somente a internet, tem outros recursos tecnológicos que são utilizados na aula presencial e que virou moda, exemplo este é o datashow. É um aparelho que faz com que aula universitária seja prazerosa, sensacionalista com aparência de grande inovação. Isso presencia-se constantemente nas universidades, mas o que percebe-se é que pouco tem inovado a prática pedagógica do professor, pois lançam conteúdos do livro para fazerem leituras e discussões orais com os discentes.

Uma velha tecnologia dos centros urbanos, como o rádio, pode ser uma inovação em determinados contextos sociais, e uma nova tecnologia pode ser modificada em nada as relações dos sujeitos envolvidos, como ocorre muitas vezes, com o datashow na sala de aula. O atributo de velho e novo não está no produto, no artefato em si mesmo ou na cronologia das invenções, mas depende da significação do humano, do uso que fazemos dele. (CORRÊA, 2006, p.45)

Diante disso, compreende-se que inúmeros são os recursos tecnológicos que atraem, persuadem a visão do educando, essa explosão das mídias atingem a todos, porém não de maneira igualitária, gerando um processo de exclusão social, porque o projeto é para todos, mas nem todos desfrutam das novas tecnologias (a internet) no ambiente familiar, profissional, político e educacional, gerando até um distanciamento das relações humanas.

Considero que seja fácil desenvolver projetos específicos relativos ao uso das tecnologias de informação e comunicação, o difícil, no entanto, é inovar as práticas educativas cotidianas. Para isso, precisamos enfrentar os dilemas presentes na prática pedagógica, romper com a lógica transmissiva e unidirecional e investir na constituição das redes colaborativas de aprendizagem. O nosso grande desafio ainda é por meio das novas tecnologias de informação e comunicação e/ou novas estratégias de ensino/aprendizagem, possibilitar a formação humana e a inclusão social. (CORRÊA, 2006, p.49)

Mas percebe-se que essas questões não é um desafio de hoje, será um desafio do futuro também, pois cada dia que passa as tecnologias de informação e comunicação vão desenvolvendo novos aparelhos mais modernos do que os atuais. Para Côelho (2006), por mais que procure inovar, utilizar tecnologias avançadas e ajustar-se ao mercado, a universidade jamais conseguirá seu intento. Os docentes universitários ainda não se prepararam para integrar com os recursos tecnológicos que já possuem, outros novos são lançados no mercado para serem consumidos pelos que possuem boas condições financeiras. Com isso dificulta a prática pedagógica do professor universitário e aumenta a exclusão social.

É fato, que com o capitalismo dominante, a eclosão midiática sempre ocorrerá independente da década que se encontra. O que vale ressaltar é que novas posturas do

educador é que irá fazer diferença no ensino-aprendizagem do aluno, utilizando satisfatoriamente os recursos tecnológicos.

Cada docente pode encontrar sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e os muitos procedimentos metodológicos. Mas também é importante que amplie, que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e as de comunicação audiovisual/temática. (MORAN, 2000, p.32)

Desse modo acredita-se que mesmo com esse processo de eclosão das tecnologias ser de grande velocidade, o interessante é reconhecer que se ela for usada com o objetivo de enriquecer, de construir o conhecimento, de interagir e auxiliar nas tarefas desenvolvidas por docentes e discentes, as inovações no processo de ensino-aprendizagem poderão ser contempladas com o uso dos novos recursos tecnológicos, tanto para comunidade acadêmica quanto nas relações sociais.

4 A “exigência” (entrada) das Tics na educação e como se dá essa questão na docência universitária

As tecnologias de informação e comunicação (tics) estão inseridas em todas as partes do mundo, com o propósito de interatividade entre os povos. Isso é fato consumado, não se pode negar.

Praticamente em todos os ambientes que as pessoas estão desenvolvendo suas atividades, sejam elas profissionais, sociais, políticas ou culturais, ali as tics se fazem presentes. Ao usar o celular, a televisão, o vídeo, o rádio e em especial a internet (maior ambiente de comunicação mundial), o processo comunicativo estará em destaque, ocupando seu espaço na sociedade.

Sabendo-se que as tecnologias predominam em diversos contextos sociais, senão em todos, não seria diferente no contexto educacional, no qual o objetivo que destaca-se é a comunicação e a informação.

Educar também é ajudar a desenvolver todas as formas de comunicação, todas as linguagens: aprender a dizer-nos, a expressar-nos claramente e a captar comunicação do outro e a interagir com ele. É aprender a comunicar-nos verdadeiramente: a ir tornando-nos mais transparentes, expressando-nos com todo o corpo, com a mente, com as linguagens, verbais e não-verbais, com todas as tecnologias disponíveis. (MORAN, 2007, p.59)

Nessa perspectiva, é fácil perceber o papel que a educação tem na e para com a sociedade, em relação a formação de indivíduos para atuarem em ambientes inovados propostos pelas novas tics. De fato, sabe-se que as novas tecnologias irão facilitar mudanças no processo interativo, colaborativo e nas trocas de experiências na educação, porém não resolverão todos os problemas que a modernidade está desencadeando, como por exemplo: a fome, o desemprego, o analfabetismo, etc. É necessário compreender que a resolução desses fatores citados acima, são responsabilidades de investimentos e atenções governamentais, e que estes não podem usar os avanços tecnológicos para paliar tal situação.

Cabe a educação proporcionar o desenvolvimento do conhecimento do aluno com o uso das novas tecnologias, seja no ambiente escolar ou universitário. “O conhecimento não se impõe, constrói-se. O grande desafio da educação é ajudar a desenvolver durante anos, no aluno, a curiosidade, a motivação, o gosto por aprender” (MORAN, 2007, p.43). Mas, essa afirmação de Moran, suscita um questionamento: Por que universitários encontram-se tão desmotivados, sem curiosidade e sem gosto por aprender? O autor responde este questionamento dizendo que:

O gosto vem do desejo de conhecer e da facilidade em fazê-lo. A facilidade depende do domínio técnico da leitura, da escrita, da capacidade de análise, comparação, síntese, organização de idéias e sua aplicação. Não há gosto sem facilidade que vem com a prática e o domínio. Não há motivação se esse gosto não foi envolvido constantemente, se não foi criado num clima de estímulo, de liberdade, de orientação positiva. (MORAN, 2007, p.43)

Com base na citação acima, é fácil entender o descomprometimento dos alunos em relação ao ensino-aprendizagem, pois os próprios docentes sentem desmotivados, inseguros, e até mesmo, presos às metodologias tradicionais que os impedem de planejar e utilizar recursos tecnológicos para ministrar uma aula universitária de qualidade. Muitos educadores ainda encontram-se na passividade, valorizando recursos tradicionais como a transmissão oral dos conteúdos, o uso do giz e da lousa, sem despertar nenhum interesse no discente que já se encontra carregado de informação através dos aparelhos midiáticos.

Não é que esta forma é descartada, mas ela precisa ser repensada, pois quando houver discussão dos conteúdos trabalhados, estes tornem significativos para os educandos. É importante citar que rupturas em paradigmas educacionais precisam ser contempladas, pois os docentes precisam ter uma visão aberta para o novo.

Sabe-se que vários educadores culpam o sistema, o diretor, a coordenação pelos fracassos instituídos em sala de aula, outros constroem barreiras para participar da inovação com o uso das tics. Mas o professor precisa internalizar outra postura. Moran (2000) afirma que

As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar-se e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque desse contato saímos enriquecidos.
O educador autêntico é humilde e confiante. Mostra o que sabe e, ao mesmo tempo, está atento ao que não sabe, ao novo. Mostra para o aluno a complexidade do aprender, a nossa ignorância, as nossas dificuldades. Ensina, aprendendo a relativizar a valorizar a diferença, a aceitar o provisório. (MORAN, 2000, p.16)

Este é o perfil do educador idealizado pelos alunos e pela sociedade. O que está faltando para este alcançar seu sucesso, capacidade em desenvolver habilidades em seus discentes, é a busca pela formação continuada, a falta de reflexão em relação a sua prática pedagógica, e o incentivo financeiro por parte do governo.

As dificuldades encontradas pelos docentes são diversas. Primeiramente eles não dominam os recursos tecnológicos, não se esforçam em aprender e não reconhecem e nem valorizam o que o aluno sabe, mantendo-se na postura autoritária de detentor do poder e da verdade.

Outra dificuldade do educador é a falta de compreensão em relação ao uso das mídias em sala de aula, pois acreditam que elas irão substituir seu papel nas atividades com os alunos, deixam-se envolver desse conceito e criam reversão a praticar o novo.

Mas o obstáculo maior que o docente está vivenciando, é a falta de criatividade para organizar e planejar metodologias com o uso das tics, não sabendo agir de maneira interativa, cooperativa com os educandos, não estão selecionando e aproveitando o que há de melhor na tecnocracia, pois estão usando processo de transmissão de informação e não contribuem para formação de indivíduos que criticam, que refletem e que constroem seu próprio saber, assim o aluno acumulará uma grande quantidade de informação que não constituirá nenhum significado que chegará ao objetivo central, que é a aprendizagem, formação com conhecimento.

Esse fracasso detectado na prática pedagógica da formação inicial e principalmente da docência universitária tem condições de serem revertidos e os docentes fazerem a diferença no processo de ensino-aprendizagem, requer rupturas e oportunizar as mudanças buscando a utilização dos recursos tecnológicos disponíveis como meios colaborativos à sua prática.

Essas experiências incluem a construção coletiva de projetos pedagógicos institucionais e de cursos, revisões metodológicas na direção de um processo dialético de construção do conhecimento, evidenciando atividades de ensino com pesquisa, ensino por projetos, etc., nos quais professores e alunos assumem o papel de sujeitos-parceiros, condutores do processo de fazer da Universidade um espaço de construção de cidadania, de resolução das questões nacionais, de formação profissional atualizada. (ANASTASIOU & PIMENTA, 2002, p.155)

Portanto, nessa perspectiva não será fácil contemplar as inovações usando recursos midiáticos acrescentados à prática pedagógica docente, pois diversas são as dificuldades enfrentadas pelo professor em relação ao saber manusear os novos recursos tecnológicos, e saber construir conhecimento reflexivo e crítico para mudar o contexto da educação hoje, para que esta se torne valorativa o saber universitário, e conseqüentemente torná-lo autônomo e democrático.

5 Os limites e as possibilidades do uso das tecnologias para a sociedade e para a educação

Sabe-se que o uso das novas tecnologias geram grandes benefícios para a sociedade e para a educação, ao que diz respeito à interação humana, pois tudo se transmite com muita rapidez e ao mesmo tempo ela é captada pelos usuários. Isso sucede no cotidiano das pessoas e também no contexto das salas de aulas. A sociedade se beneficia das tecnologias para distração, para comunicação e para o meio de serviço.

Na educação, as mídias estão sendo usadas para o processo de ensino-aprendizagem, seja ele presencial ou a distância, focando mudanças pertinentes à realidade educacional.

Como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para mudar a educação. Sem dúvida, as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e de tempo, estabelecendo novas pontes entre o estar junto fisicamente e virtualmente. (MORAN, 2000, p.8)

Nessa proposta, a importância da tecnologia e da informática para os seres humanos e para a sociedade no geral é de extremo valor, pois enriquece o cabedal de oportunidades e de informações, não vista em outras circunstâncias, somente nessa era digital. Diversos problemas são resolvidos via internet por clicar um simples enter ou delete, ou através de uma

ligação via celular. Não existe uma sociedade que não agrade de tantas facilidades para seu dia-a-dia.

Fazem compras através dos recursos tecnológicos, arrumam namorados através dos sites de bate-papo, fazem serviços bancários sentados em seu sofá em pleno fim de semana sem se preocuparem de ficar horas na fila dos bancos, administradores controlam seus negócios em qualquer lugar que estiverem no mundo. A dependência em relação às mídias são de dimensões inexplicáveis, pois uma simples queda da internet, pode parar o mundo e gerar um grande prejuízo para os seus usuários.

Isso acontece também no ambiente universitário, pois se o aluno ou o professor preparem uma aula que envolver como recurso didático as novas tecnologias e elas não funcionarem no momento, será um atraso para o andamento em sala de aula.

Realmente as mídias desempenham um papel fundamental nas vidas das pessoas, mas não se pode esquecer dos limites que elas também trazem aos seres humanos, seja no contexto social ou educacional. Ao citar o contexto social, as tecnologias tem propagado um grande distanciamento entre os homens, perdas das relações afetivas, uma exclusão social, cultural que segundo Corrêa (2006, p.45), “infelizmente, não é a máquina que oprime o homem, mas o homem que usa a máquina para oprimir o homem, ou seja, o bem ou o mal dependem do uso que faremos dela”.

Ao inventar as mais sofisticadas tecnologias, o homem não pensaria que estava criando um objeto para sua própria autodestruição, e o que se vê nos dias atuais são esses recursos sendo usados nas fábricas para construção de materiais para serem utilizados em guerras.

A importância da ciência informática na guerra é tão grande que o espaço político das negociações praticamente inexistente, ficando a decisão situada quase que exclusivamente no âmbito tecnológico. Como o preço do pensamento (de sua produção, armazenamento e transporte) é muito mais caro que a sua execução nas indústrias, como a sua importância é muito maior para a segurança nacional e para a rendosíssima indústria bélica, os países da Trilateral retiveram para si o desenvolvimento da informática. (ALMEIDA, 1998, p.13-14)

Essas são algumas das implicações do uso das tecnologias em relação à sociedade. Mas esses limites estão presentes no ambiente educacional também. Primeira circunstância que traz contradição ao uso dos recursos tecnológicos na educação, é o despreparo dos professores para utilizar as mídias como processo interativo em sala de aula. Os professores não estão sabendo fazer uma reflexão do que é aproveitável para o ensino universitário de

seus educandos, mas o que está faltando para Masetto (1998), é conciliar o técnico com o ético na vida profissional é fundamental para o professor e para o aluno.

Hoje com o avanço das novas tecnologias, os alunos carregam grande bagagem de informação, mas não estão sabendo transformá-las com sabedoria em conhecimento. Para Marcovitch (1998), “o micreiro domina o instrumento tecnológico, mas não alcançou esse nível de progresso intelectual”.

Inúmeros são os problemas que as tecnologias trazem para o meio acadêmico, seria difícil citar todos, portanto o agravante maior é a prática pedagógica estar encontrando impossibilitada de interagir com a informação que os famosos homozapiens, que dominam a informática com grande habilidade, e encontram desinteressados com o ensino-aprendizagem em sala de aula, pois não sentem motivados, porque para eles não existe nada de novidade. Esses são os fatores limites que a eclosão das novas tecnologias causam na atividade educacional.

6 Considerações Finais

A cada dia que se passa o avanço tecnológico é mais presente no nosso cotidiano. O processo midiático acontece muito rápido, pois o contato com ele é inevitável e a cada inovação lançada no mercado somos iludidos a consumi-los, pois em pleno século XXI, tudo que possibilita rapidez, comodidade, informação e comunicação imediata, são suaves aos nossos olhos.

Muitas vezes possuímos determinados aparelhos que não conseguimos manuseá-los, outros são lançados com uma tecnologia mais avançada. Isso não acontece somente no meio social em que vivemos (familiar, político, cultural), isso se dá no processo educativo também, pois professores tem dificuldades em manusear esses recursos tecnológicos existentes.

Muitos são os investimentos governamentais em tecnologias de ponta para utilizarem na educação, é importante salientar que o objetivo do governo não é solucionar os problemas destacados na educação, mas sim usá-los como meios paliativos aos olhos dos que acreditam que as novas tecnologias irão proporcionar mudança do processo educacional.

Vale compreendermos que não são os recursos tecnológicos que irão fazer milagres no contexto universitário, em especial a sala de aula, se os docentes não adquirirem posturas diferentes, refletindo e transformando sua prática pedagógica, reconhecendo que a inovação parte de um projeto coletivo e não de uma tecnologia inovada. O educador precisa saber

selecionar as informações encontradas nos recursos midiáticos para desenvolver nos educandos uma postura crítica, reflexiva, pois somente assim, será possível educar para o mercado e para a vida, compreendendo que a formação docente tem que despertar e realizar no discente uma consciência de autonomia, de liberdade, de igualdade, de justiça, através do processo educativo realizado nas bases inovadoras e construtoras de conhecimento.

Desse modo, considero que inovações com o uso das novas tecnologias serão consideráveis, mas irá depender muito de como o docente desempenhará seu papel no processo de construção e desenvolvimento do ensino-aprendizagem, não compreendendo os recursos tecnológicos como salvacionistas do sistema educacional, mas como um forte aliado para inovar suas práticas pedagógicas em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fernando José de. **Educação e informática: os computadores na escola**. São Paulo: Cotez: Autores Associados, 1998.

COELHO, Ildeu M. Universidade e Formação de Professores. In: GUIMAREÃES, Valter Soares (Org.). **Formar para o mercado ou para a autonomia?**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2006.

CORREIA, Juliane. Novas tecnologias da informação e da comunicação; novas estratégias de ensino/aprendizagem. CASCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CUNHA, Maria Isabel da. Aula Universitária: inovação e pesquisa. In: LEITE, Denise & MOROSINI, Maria (Orgs.). **Universidade Futurante: Produção de ensino e inovação**. Campinas, SP: Papirus, 1997, Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T. & BEHRENS, Marilda Aparecida. **Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus Educação, 2007.

MARCOVITCH, Jaques. **1947 – A Universidade (im)possível**. São Paulo: Futura, 1998.

MASETTO, Marcos T. Professor Universitário: Um profissional da educação na atividade docente. _____ (Org.). **Docência na Universidade**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido. Docência do Ensino Superior: Problematização. PIMENTA, Selma Garrido & ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo; Cortez, 2002, Coleção Docência em Formação.

_____. Educação, Identidade e Profissão Docente. PIMENTA, Selma Garrido & ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo; Cortez, 2002, Coleção Docência em Formação.

_____. Formação de professores: identidade e saberes da docencia. In: PIMENTA, Selma Garrido; CAMPOS, Edson, Nascimento; et al (Orgs.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Angela Carrancho da (Org.). **Aprendizagem em ambientes virtuais e educação a distância**. Porto Alegre: Mediação, 2009.